

Seção ÉRATO

O PAPEL DA MEMÓRIA NA LETRA DA MÚSICA DE ZÉ RAMALHO “A PELEJA DE ZÉ LIMEIRA NO FINAL DO SEGUNDO MILÊNIO”

Aliana Georgia Carvalho Cerqueira¹

Patrícia Adorno Mendes²

Orientadora: Maria das Graças Teixeira de Araújo Góes³

Resumo

Este trabalho pretende analisar a memória, como construtora da cultura, em temas musicais que, na atualidade, fazem parte do cancionário popular brasileiro. Para tanto, tomamos como *corpus* de nosso estudo a letra da canção de Zé Ramalho “A peleja de Zé Limeira no final do segundo milênio”, por ter perpetuado traços das cantigas trovadorescas, particularmente, das cantigas satíricas. A letra da música em questão destaca uma das principais características de tais cantigas: a crítica ou ridicularização, ora sutil, ora grosseira. A investigação e análise semi-linguístico-literária indicia a possibilidade de desenvolver um estudo comparativo para averiguar a presença da memória enquanto inspiração do autor da referida canção. Logo, para demonstração da análise será feita uma comparação entre a letra da música de Zé Ramalho e o texto *O Reino do Vai e Não Torna*, de Jerusa Ferreira (2003). O texto relaciona os contos da literatura popular nordestina com o mundo arturiano, destacando o modo pelo qual a literatura de cordel e a linguagem popular apresentam um retrato dos costumes e linguagem medievais. Desse modo, pôde-se constatar que a memória, é perceptível, sobretudo, na ideologia da música analisada e na linguagem popular burlesca, que firma a presença do medievalismo português como inspiração musical. Destarte, o presente estudo contribui para a formação crítica do leitor, visto que, este pode observar que a reminiscência do passado tem um papel essencial na inspiração de autores da arte, na construção de obras ricas em manifestações culturais.

Palavras-chave: Memória; Cantiga Satírica; Manifestação Cultural Popular.

Resumen

Este trabajo hace un análisis de la memoria, como constructora de la cultura, en motivos musicales que, en la actualidad, hacen parte del cancionero popular brasileño. Así, será utilizado como *corpus* de ese estudio la letra de la canción de Zé Ramalho “A peleja de Zé Limeira no final do segundo milênio”, por haber perpetuado marcas de las cantigas trovadorescas, en particular, de las cantigas satíricas. La letra de la música en cuestión destaca una de las principales características de tales cantigas: la crítica o ridiculización, sutil o, a veces, grosera. La investigación y análisis semi-linguístico-literario indicia la posibilidad de desarrollar un estudio comparativo para averiguar la presencia de la memoria como inspiración del autor de la mencionada canción. Además, para demostración del análisis será hecha una comparación entre la letra de la música de Zé Ramalho y el texto *O Reino do Vai e Não Torna*, de Jerusa Ferreira (2003). El texto relaciona los cuentos de la literatura popular nordestina con el mundo arturiano, destacando la manera por la cual la literatura de cordel y el lenguaje popular hacen la representación de las costumbres y lenguajes medievales. De esa manera, fue constatado que la memoria, es perceptible, sobre todo, en la ideología de la música analisada y en el lenguaje

¹ Discente de Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Foi bolsista do Projeto de Extensão Biblioteca Viva – PROLER/UESC. Atualmente é bolsista de Iniciação Científica do programa CNPq/UESC.

² Discente de Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz.

³ Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professora vinculada ao DLA/UESC.

popular burlesca, que firma la presencia del medievalismo portugués como inspiración musical. Cabe añadir que el presente estudio contribuyó para la formación crítica del lector, puesto que, pudo observar que la reminiscencia del pasado tiene una función esencial en la inspiración de autores del arte, en la construcción de obras llenas en manifestaciones culturales.

Palabras-llave: Memoria; Cantiga Satírica; Manifestación Cultural Popular.

Introdução

A memória é imprescindível para determinar as nossas relações com o mundo e escrever o nosso futuro. Longe de levantar o argumento de velhos jargões, Jerusa Ferreira (2003), assim como outros estudiosos da cultura contemporâneos, versa sobre a memória em seu livro de ensaios *Armadilhas da memória*. A autora aborda a temática sob a base da teoria semiótica de Lotman, que considera a cultura como “um feixe de sistemas semióticos (linguagens) que assumem a forma de uma hierarquia ou simbiose” (FERREIRA, 2003, p. 74). Assim, entende-se a memória como um construto cultural, em que o esquecimento seria um mecanismo explorado por determinadas instituições “a fim de excluir da tradição os elementos indesejáveis da memória coletiva” (Idem, p. 76).

Considerando o trabalho da autora em seus artigos sobre os eixos temáticos que percorrem a memória e que são por ela entrecortados, propomos a investigação da música popular de Zé Ramalho, por representar a cultura híbrida brasileira em seu repertório de canção popular. Como, pois, a memória é verificada na música “A peleja de Zé Limeira no final do segundo milênio”?

Para que a posição da memória ante a letra da música de Zé Ramalho seja entendida, faz-se necessário apresentar os elementos que formam as cantigas satíricas, os quais foram encontrados na letra desta canção.

As cantigas satíricas faziam parte do contexto histórico medieval. São verdadeiros documentos de vida social, das quais ecoam fatos políticos, detalhes da vida privada aristocrática, trovadoresca e dos jograis. Levantam os mexericos e os vícios ocultos da fidalguia medieval, sobretudo, portuguesa. São classificadas em duas espécies: podem ser cantigas de escárnio ou de maldizer. As cantigas de escárnio são aquelas em que as sátiras são feitas de forma indireta, ou seja, o autor não cita nomes, pois, seu único objetivo é atingir a pessoa satirizada e, para que isso aconteça, utiliza-se de palavras irônicas e expressões de duplo sentido. Já as cantigas de maldizer são aquelas feitas diretamente. Nesta, o autor usa agressões verbais e, algumas vezes, até mesmo palavras de baixo-calão. Como bom trovador, autor de muitas canções satíricas

e de amor, Zé Ramalho é um músico “crítico” e trabalha com temas bastante polêmicos, seja de questões emocionais como de questões sociais. Suas músicas tratam da realidade de maneira crítica, o cantor utiliza a linguagem simbólica para denunciar fatos sociais.

Na letra da canção analisada, Zé Ramalho vale-se da sátira, tendo em vista criticar atitudes da liderança política atual (Bill Clinton e o Congresso Nacional do Brasil) e de personagens históricos (Rei Arthur e Colombo). Faz uso de metáforas (figura de linguagem que consiste no emprego de um termo que se associa a outro ou que o substitui, baseando-se numa comparação de ordem pessoal e subjetiva). Desse modo, torna a música mais rica e interessante.

É através do diálogo de acontecimentos atuais com fatos históricos que a música de Zé Ramalho revela o uso da memória em sua composição. Assim, torna-se pertinente a análise semio-linguístico-literária sob o enfoque do texto *O Reino do Vai e Não Torna* de Jerusa Ferreira (2003). A escritora focaliza seus estudos em contos de encantamento da literatura popular nordestina relacionando-a com o mundo arturiano. Dessa maneira, mostra a pretensão dos autores literários e canceiros, como Zé Ramalho, em recuperar da memória a “magia existente em um outro reino”, a exemplo de Artur, a fim de utilizá-la em novos contos e cantos.

2. Das cantigas satíricas medievais à sátira de Zé Ramalho

O estudo de cantigas satíricas é importante do ponto de vista linguístico e social, uma vez que elas “apresentam, a bem dizer, um retrato fiel de vários costumes e usos medievais, em linguagem popular” (GOULART e SILVA, s/d). Ademais, manifestam amplo vocabulário e, diversas vezes, o uso de trocadilhos.

A primeira cantiga medieval, segundo alguns historiadores, foi escrita em 1198 (ou 1189). Na forma de canção ou de música de caráter objetivo, o gênero refletia o pensar e o sentir do poeta acerca da sua época, conferindo às obras características morais e satíricas.

As cantigas satíricas medievais tinham conteúdo crítico social, com intento humorístico denunciavam falsos valores morais em vigor, como corrupção e crimes da realeza, abrangendo todas as classes sociais: senhores feudais, clérigos, povo e até os próprios trovadores.

Os dois tipos de cantigas revelam assuntos polêmicos para a época nas relações sociais dos trovadores. Ambos atingem a vida religiosa, política e social. As cantigas de maldizer têm intenção difamatória, são diretas e muitas vezes utilizam linguagem baixa e vulgar, até mesmo obscena. Enquanto que as de escárnio são impessoais, suas críticas são sutis, irônicas, sarcásticas, e, mesmo sem citar nomes, pode-se reconhecer sobre quem se satiriza através dos elementos cantados.

Essas duas formas de cantiga satírica [...] expressavam, como é fácil depreender, o modo de sentir e de viver próprio de ambientes dissolutos, e acabaram por ser canções de vida boêmia e escorraçada [...]. A linguagem em que eram vazadas admitia, por isso mesmo, expressões licenciosas ou de baixo-calão: poesia “forte”, descambando para a pornografia ou o mau gosto, possui escasso valor estético, mas em contrapartida documenta os meios populares do tempo, na sua linguagem e nos seus costumes, com uma flagrância de reportagem viva. (MOISÉS, 1974, p.28)

Partindo desta abordagem, pode-se tomar como exemplo de cantiga satírica contemporânea a música de Zé Ramalho, por conter traços tanto da cantiga de maldizer, como da cantiga de escárnio. O compositor e intérprete paraibano pesquisou com mais afinco esse tipo de música para construir uma obra plena de intertextualidade e elaboração literária. Ele utilizou tanto do tradicional universo das "pelejas" da literatura de cordel que mantém o costume do desafio entre os repentistas, como das “tensões”

galego-portuguesas (diálogos que ocorriam nas cantigas medievais nos quais os trovadores arguiam acerca de algum assunto ou pessoa).

Algumas temáticas das cantigas satíricas medievais possuem o mesmo teor que a cantiga de Zé Ramalho. Elas tratavam da vida pouco moral das soldadeiras, do escândalo das amas e tecedeiras, da traição dos cavaleiros na guerra de Granada, do desconcerto do mundo, dentre outros temas. A cantiga de Pêro Gomez Barroso, por exemplo, “trata do desengano da vida e a de Pêro Mafaldo trata da má organização da sociedade: a prosperidade dos maus, a pouca sorte dos bons e os inconvenientes de dizer a verdade” (FIÚZA, s.d., p. 29). Similarmente, a música de Zé Ramalho aborda escândalos e controvérsias da sociedade e o receio em expor a realidade:

[...]
 Enquanto na casa branca
 Clinton abusava da vedete
 Cantando um rock desentoado
 E mascando chiclete
 Enquanto aqui no congresso
 Apagavam dados comprometedores
 De um escandaloso disquete [...]

 É quando o uivo de uma loba
 Me adverte: Rômulo
 Meu remo partiu na correnteza
 Meu medo é uma casa portuguesa [...]
 (RAMALHO, 1998)

Escrita no final do segundo milênio, 1998, essa música também traz nas suas entrelinhas uma denúncia social. Tendo em vista que o Brasil vivenciava um cenário crítico na política, onde o Congresso Nacional, na tentativa de esconder informações comprometedoras, apaga todos os dados de um disquete, e que nos Estados Unidos, explode o escandaloso caso do então Presidente Bill Clinton com uma estagiária da Casa Branca (Mônica Lewinsky), o autor não perdeu a oportunidade de demonstrar seu manifesto.

Nessa perspectiva insere-se outro ponto relevante à abordagem proposta pelo presente trabalho: adiante, segue uma breve comparação entre a canção de Zé Ramalho e o texto de Ferreira *O Reino do Vai e Não Torna*.

3. *O Reino do Vai e Não Torna e a memória*

Encontra-se facilmente, nos contos de encantamento da literatura popular nordestina, o relato de um herói mortal que, com a finalidade de proteger seu reino de espíritos maus, mortos, fantasmas e deuses ruins, penetra em um outro mundo sem retorno, mas consegue voltar. Em seu livro, *Armadilhas da memória*, Jerusa Pires Ferreira (2003), escritora e pesquisadora, dedica o capítulo *O Reino do Vai e Não Torna* aos contos da literatura popular nordestina relacionando-os com o mundo arturiano e, ainda ressalta, que não só na literatura de cordel, mas através de falas cotidianas, cantos, ditos populares e histórias, o herói que está em busca de outro mundo aparece. Sobre essa aproximação do romance nordestino com o romance cortês, bem afirma Ferreira:

O fato é que este motivo teve grande acolhida na tradição oral do Nordeste brasileiro e se vai manifestando, não apenas no romanceiro nordestino [...] mas no próprio espaço da fala cotidiana de certos cantos do sertão, nos ditos e estórias que ainda se contam, e reutilizado e transformado por criadores [...].
(FERREIRA, 2003, p. 137)

Quem conhece o estilo do cantor e compositor Zé Ramalho sabe que ele, ao compor a letra de suas canções, tem como recurso estilístico resgatar informações da cultura nordestina. Sendo assim, não seria diferente, a fonte de sua inspiração, ao compor a letra da música “A peleja de Zé Limeira no final do segundo milênio”. O que se percebe, na letra desta canção, é a ocorrência de uma miscelânea de diversos elementos culturais e personagens como heróis mitológicos, bíblicos, históricos e atuais.

A memória tem um papel crucial na elaboração desta música, desde o título até a última linha observa-se a quantidade de vezes em que o autor vale-se da lembrança a fim de relatar episódios sociais vivenciados no passado. Ao intitular a música, nota-se que Zé Ramalho presta uma homenagem ao famoso Zé Limeira (grande repentista brasileiro), o qual tem sua fama na cultura nordestina por ser considerado um poeta inovador (poeta do absurdo) e por ter conseguido captar, caoticamente, todas as referências históricas e míticas do sertão. Ao discorrer, nas primeiras linhas da música analisada neste trabalho, “A tumba ardente de Salomão” e “Não confundem os meus cabelos com os de Sansão”, o autor rememora dois personagens bíblicos bastante conhecidos: Salomão e Sansão.

Salomão, de acordo com a Bíblia, foi rei do estado hebraico por 40 anos e se torna conhecido por sua vasta sabedoria. Sansão, por sua vez, é reconhecido por sua força, originada dos seus cabelos. Mais adiante, Zé Ramalho faz referência a Ricardo “Do maldito Rei Ricardo coração de leão”, um rei que, ao governar a Inglaterra, destacou-se por sua bravura nos campos de batalha e por sua ganância, esvaziando o tesouro do pai, cobrando novos impostos, vendendo títulos e cargos por somas exorbitantes com o intuito de efetuar a terceira expedição à Terra Santa. Além destes, a música menciona, ainda, outros personagens como Colombo (navegador e explorador que alcançou a América), Rômulo (personagem lendário da fundação de Roma) e a loba (personagem lendária que amamentou os gêmeos Rômulo e Remo, após terem sido encontrados no rio Tibre dentro de uma cesta).

Outra faceta relevante é a utilização do termo *távola*: “Na *távola* quadrada o pentágono” como metáfora, retomando assim o mundo arturiano. A *távola* representa o local onde os cavaleiros de Arthur se reuniam e ela tinha o formato redondo demonstrando igualdade entre todos os seus membros, por isso recebeu o nome de *távola redonda*.

Sabe-se que a possível intenção de Ramalho, ao escrever essa música, foi a de manifestar o seu protesto em presença de certas atitudes da elite governamental (1998). Para perpetrar essa revolta, o compositor serve-se do que Ferreira (2003) chama de “armadilhas da memória”, tendo em vista que “é a memória o alicerce de construções e desconstruções narrativas possibilitando que a voz do eu, do outro ou da cultura apareça e se renove em registros diversos” (Döppenschmitt, 2008).

4. Considerações Finais

Diante da implicação que a memória traz em letras de músicas, tendo como base a ideologia da música “A peleja de Zé Limeira no final do segundo milênio”, e, sobretudo, os elementos das canções satíricas, pode-se afirmar a presença do medievalismo português na música atual. Os traços linguísticos, a expressão satírica, a linguagem popular e burlesca, os componentes da tradição oral, o caráter dos assuntos cantados demonstram que a reminiscência do passado tem um papel essencial na inspiração de autores da arte, na construção de obras ricas. Isso, tanto do ponto de vista da herança medieval quanto do próprio uso do passado recente na arte da cantiga de Zé Ramalho.

5. Referências

DÖPPENSCHMITT, Elen. Dossiê Jerusa Pires Ferreira. **Revista Intermédias**. Disponível em: <<http://www.intermidias.com/jerusa1/textos/Dossie>>. Acesso em 03 Jul. 2008.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FIÚZA, Mário. **História Literária de Portugal: Idade Média e Século XVI**. Porto: Athena, s. d. 284p.

GOULART, Audemaro Taranto; SILVA, Oscar Vieira da. **Estudo Dirigido de Literatura Portuguesa**. São Paulo: Editora do Brasil, s. d. 220p.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 1974, 388p.

6. Anexo

A PELEJA DE ZÉ LIMEIRA NO FINAL DO SEGUNDO MILÊNIO, de ZÉ RAMALHO

Quando o leite de aveloz
Pingou célere no olho da serpente
As garras da semente se aprofundaram em mim
Velhos pergaminhos, hieróglifos, cometas
A tumba ardente de Salomão
Confundem meus cabelos com os de Sansão
Eu quebrei o selo da real dinastia
Dos que lutam com as pedras na mão
Descendente da estirpe maloqueira
Do maldito rei Ricardo coração de leão
Na tábua quadrada o pentágono
Tomou sua última decisão
Acharam gozação o fato
De Colombo ser mais famoso que eles
Atiraram contra suas próprias cabeças
Enforcaram-se nas gravatas
Puseram fogo nos cabelos
Enquanto na casa branca
Clinton abusava da vedete
Cantando um rock desentoadado
E mascando chiclete
Enquanto aqui no Congresso
Apagavam dados comprometedores
De um escandaloso disquete
As mesmas criaturas alienígenas
Me deram seu colar
E puseram-me no cesto
Sobre o leito do rio Jordão
É quando o uivo de uma loba
Me adverte: Rômulo
Meu remo se partiu na correnteza
Meu medo é uma casa portuguesa

E uma casa portuguesa com certeza
E com certeza uma casa portuguesa

(Álbum *Eu Sou Todos Nós*, 1998)